

SILVA FREIRE

— no alpendre
a rede
rende a eternidade
que pende
do plantão do movimento

CADERNO

9

DE CULTURA
(POEMA)

as redes

— às tecedeiras da cuiabânia
— aos capineiros do algodão

grande cuiabá/1974

— a rede lavra
em curva
o que cansa
quando o corpo se deita

— rede lavrada:
sugestão de curva
limitada ao tombo

— o rio se lamina de peixe
na malha da rede
na palha que encanta
na tráia/traíra do engano

— recurvo o corpo
aderna o sêr
quadriculada a pôse
que dencansa

— a rede renda de luar
o balanço da (ré)estória

— no agreste
rede-de-tráia é varal
guarnição do morto
apétalo
ágrafo
o frágil passeando/bem morto

— na lavrada
a varanda
é lança:
 espeta
 o encanto
do acalanto
 acalenta
 o canto
e o pranto

— a velha redeira tateia
no desenho
o engenho
da solidão

— a trama que une as mãos

— a tecedeira
fia
afia
 seus dedos
 no fuso
 do uso
 no emblema da linha
 no confuso tear do dinheiro

- no rendado que pende
rede é faca vazia
 desfia
o corte que afia

— na rede
o embôrco
é embarque
na embarcação
 da sonoite

— na timba
o curvo uso
dos corpos:
atos
fatos
fetos
- revida

— a rede é menina
no embalo
do galo
que estrela
na testa
o protesto

— a rede na quina
do canto
acama
o abrigo
do umbigo
que murcha

— a rede pende do chão
arvoredo/algodão
parafuso
no gancho
no punho
na unha

— na rede
onde o sonho desconfia
do lerdo movimento

— rural
é armar o sono
ao alcance da rede

— a rede cochila
no esbarro do esteio
na crina leve da corda
na lixa moida do gancho

— a redespreguiça
o leve do leque
o longo da linha
o longe que se enc(olhe)

— a rede arranha
o silencio
amacia
a semente
no ventre
no ente
no quente

— na rede
o deitado é enredo
o macio na safra do vento

— na red'-mbira
o homem fibra
o anatômico do corpo
- salmora a carnação do algodão

— na espera
a rede mata o desespero
dos gomos teciduais

— a rede no apartamento
aparta
o mandamento
da convivencia

— leve rede
ventarola se movendo
ou pente
rente ao secreto do chão

— rede
hangar do sem vento
onde circula o modelo
que inventa o modo do vôo

— rede de tucum:
idade vegetal do equilíbrio

— nos braços murchos de nhána
a rede se enrola
como bagos de algodão no descaroçador

— a lavanderia
coage
o segredo que redemoinha
na lavagem da rede

— no domingo
o varandão dorme a tarde
do redespreguiçamento

— o cavalo textil empluma seu casco
no galope do fuso
no arreio das redes
na redescoberta do pasto

— armadores rangem os dentes
estabelecem a conversa dos bilros
— as tecedeiras se ausentam

— a rede acontece
na terra ofendida
— se arma de jeito
na fenda
na frincha
no fundo do semen

— da rede o menino
despenca
do algo
da do
do doe
do doe.r
da do.r
do galho do algodoeiro

— alta noite
a rede arrea o vago
que cavalga na varanda

— no alpendre
a rede
rende a eternidade
que pende
do plantão do movimento

— do nicho noturno
a criança rega
o aéreo
do algodoeiro/ florido de rede

— enredado
o pensamento é corte
perfil do forte
ao saber-se corpo

-- sem eira
nem beira
o homem enrola o pano
da estrada
tecido nos pés

no casarão
raizes geográficas
costuram seu ritmo
/coreógrafo
gráfico/
nos fundos funis de sono
no ecológico destino da rede

— rede-de-couro-curtido:
o homem rema
ata
e mata
— arremata o tombo
do lombo roliço do boi

— no andino
a naveta
engaveta
o pente
da fiandeira

— na rede
curso da idéia
curvo
custo do uso

— rasga-se a rede
no esgasgo do sono

— gradeando
o tear
recita
o livre do fio-a-fio
o junto no apêto da bateadeira

— no esquadro
a tramela escritura
o vertical da horizontalidade

— o moço pechincha na compra
— o redeiro pechincha no preço
— a rede se encolbe no timbre que fala

— a rede
dispara a sensualidade
do vôo

— no balanço das redes
um aéreo de vielas retorcidas

— a rede se sociolha
nos liços de abrir o fio
maçaroca de novelos
lavor da cardadeira
balainho de trancelim
nos labirintos da entrega

— na rede lavrada
serpe m os trancelins
esbarra/esbarrando seu vento
— íntimo balanço —
na esteira de pripiri-do-brejo

— a rede socióloga
socióloga o conflito
do homem sem leito

— de madrugada
a rede
rurbaniza o vir-a-ser

— no ranchão
a rede
se orvalha de campocidade

— ... e a rede se fecha
/rumem/
ancestralidade da sesta

o versolivrismo na obra do poeta

A obra brilhante e original de Silva Freire parece-me poder ser considerada um como paradigma da criação artística, segundo o espírito do Modernismo. Nela se vê a realização pura da arte pura, isto é, ela realiza o estético puro escoimado das manifestações heterogêneas e parasitas da realidade extra estética e que constitui impurezas na produção artística tradicional. Para falar em termos de comunicação, pode-se dizer que na obra de Silva Freire se realiza a comunicabilidade da mensagem artística isenta dos "ruidos" que costumam invadir outras obras.

Arte — acepção estética — Em oposição aos ofícios que têm por objeto a produção das coisas úteis, as artes têm por objeto as coisas belas. Os ofícios são afazeres dos artesãos; as artes dos artistas. E neste sentido a obra de Silva Freire é arte genuína. Cantando o lavrador, o vaqueiro, o pescador, o oleiro, a redeira, o atleta, o poeta nos mostra a potencialidade criadora de seu espírito. O trabalho do artista consiste em procurar perceber na matéria, na experiência, nas palavras o caráter de ser essencial do objeto, e visa a imprimir em nós os sentimentos, mais do que exprimi-los. Próprio da arte é dar forma a este mundo de possibilidades que nós trazemos no fundo de nossa consciência; é neste sentido que toda arte é, com justiça, denominada criadora.

A este propósito posso citar estes blocos poemáticos de Silva Freire:

"no campus
um passarinhar de leituras
o recuar no salto/ o aflito
um sorrir na corrida/ em tempo
registro do aplauso/ no susto do vento"

"na sala-classe
fino ouvido aflita o convívio
conflita a memória/ no refletir o conceito

'no canteiro do campus
florece o mergulho
— no olímpico do templo" (caderno 6)

Verso livre não significa ausência de ritmo mas criar "o ritmo a cada momento". Pois é o que caracteriza o versolivrismo na obra de Silva Freire, sobretudo uma mudança de atitude: sua unidade de medida deixa de ser a sílaba tradicional e passa a basear-se na combinação das entoações e das pausas. O ritmo decorre, pois, da sucessão dos grupos de força valorizados pela entoação, pela maior ou menor rapidez da enunciação.

Entre os aspectos criativos da poesia de Silva Freire, merece particular menção a inextinguível habilidade com que ele consegue efeitos estético-emocionais inserindo em grupos de verso um relevo especial do timbre vocálico, por exemplo:

" canto
defrontação
do ato
aço
tato
" crêspo-ólho-alho
do azul do olho arando
espanto
canto

Aponta-se também nos Modernos a valorização do humor para afugentar a monotonia da vida que é cinzenta. Criam-se novas situações humorísticas, nascidas não de uma visão amargamente irônica ou exageradamente otimista da existência, mas da visão instantânea do mundo e do uso de elementos-surpresa, como, a seguir, nos oferece o poeta:

" cuia
— meia quantia de qualquer coisa

" espantalho
— bruta mentira espetando um susto

" jacuba
— inútil esforço da mastigação
empapando no canto da boca " (caderno 5)

Outra característica do Modernismo é, pode-se dizer, uma integração poética da civilização material: motores, fábricas, a fumaça, dando-lhe um novo toque, uma nova cor de que se aproveitaram os artistas. A técnica traz consigo o dinamismo nas atitudes da vida, procurando fixar a impressão de cada momento, assim, na concepção silvafreireana:

" campus
fotogenia de inventos

" no campus
epígonos da não-violência
trabalham a engenharia do livro "

Um novo prisma ou uma nova perspectiva da igreja, do rio, do adeus, Silva Freire exterioriza, criativamente:

" igrejinha da colina
— tão grande / mas nasceu pequenininha...

" adeus
— galope na estrada
pa ca tau
pa ca tau
pa ca tau

e nunca mais "

Nos Modernos vemos também a vontade de expressar verbalmente ou por escrito o funcionamento real do pensamento. Assim temos em Silva Freire:

“ O estadiO arredOnda
nO gritO
nO pulO
nO urro
a geOmetria dO gOOOl” (caderno 7)

O poeta deseja, por exemplo, que a realidade seja vulnerável, isto é, modificada, mobilizada, deixando portanto a poesia de ser apenas um canto para se tornar ação, meio de conhecimento. Escreve, buscando descobrir valores dentro do seu próprio eu e procurando dar a esses mesmos valores, objetividade para chegar a uma realidade e provocar um movimento que afete ou atinja o seu espírito e o mundo e facilite a intra comunicação do subjetivo e objetivo. Notamos isso de maneira palpável na arte de Silva Freire:

‘ parteira
— um vagido esperneia entre dedos de cara feia” (caderno 5)

“ vivamente parceiro
o oleiro
lê
na parede compulsória
o domicílio da sensibilidade”

— “ na enchente o oleiro alisa o segredo
do degredo aritmético do barro ”

“à tarde/ o oleiro
aplaina a faina
e regressa ao encontro
do encanto do nome ” (caderno 8)

Entretanto, aquilo que o artista quer dizer na sua linguagem de imagens não é do domínio específico das palavras. A linguagem das imagens abrange uma zona da vida interior diferente da das idéias das quais se alimentam as palavras. Neste sentido, a respeito da obra do poeta, diz Wladimir Dias Pino:

“ Em Silva Freire, o rigor dos vocábulos, independente do conteúdo, se organiza no espaço conseguindo um dinamismo (condensação ótica) em condição de desprezar a lógica poética tradicional, para adquirir, se não uma autonomia de textos visuais, pelo menos de blocos de múltiplas e simultâneas direções de leitura: física das palavras. A densidade do rigor vocabular conseguida, visualiza a intencionalidade ao articular uma sintaxe insólita, cada vez mais densa, que faz desses blocos engrenagens de palavras em sequência movel de aproximações. Vale dizer, da multiplicidade da continuidade: horizontal (probabilidade da língua) e a dimensão vertical (linguagem lugar geométrico).”

Finalizando, quero citar estes magníficos blocos de Silva Freire, enfeixados em seu CADERNO DE CULTURA N.º. 8:

“ alta noite:
navega no forno
um cinzado de matas maduras ”

“ chove no barreiro:
a olaria acha-se
enche-se
água-se de ave ”

“no saldo
do sal(ário)
o sol(dador)
solda o usufruto do corpoleiro”

“ há um dormir de sábado
na pastagem lunar da olaria ”

ANA LÚCIA F. DALL'ORTO

Aluna do 5º Semestre do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso

DO MESMO AUTOR

- canção do amor que te quero — poemas — 1º caderno
- rondon: silencio orgânico de flores — poema — 2º caderno
- meu chão... pássaro implume — poema — 3º caderno
- a estrada/rio equilibrio — poema — 4º caderno
- chão/terra/pasto — poema-reportagem — 5º caderno
- campus de universidade/ canto: crespo-olho-alho — poema — 6º caderno
- gOOO/ círculo azul aO sul dO azul — poema — 7º caderno
- os oleiros — poema — 8º caderno
- as redes — poema — 9º caderno

A PUBLICAR

- giro do couro cru — poema
- cão canavieiro — poema
- lições de praia — poema
- cuiabá/cuiabânia/cuiabaninha — poema-reportagem
- camisa velha — poema
- japa e outros contos regionais — prosa
- fronteira de vidro — poema
- poema em poe de pedra — poemas
- rastro — poema
- espaço em branco — poema
- a janela em si — poema
- metapoema do silêncio
- garimpeiro: instrumento de criação de comunidades rurais — estudo sociológico

para correspondência: travessa joão bento, 377 - cuiabá-mt - 78000

o autor agradece à

- Secretaria de Educação e Cultura da
Prefeitura Municipal de Várzea Grande